



Jhessyka de Bessa Cotrim

Thalita de Araújo

**GUIA DE CONVERSAÇÃO PARA
ESTRANGEIROS PARA A COPA DO MUNDO DE
2014**

Brasília

2013

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de criar subsídios teóricos e práticos para a produção de um guia de conversação para estrangeiros durante a realização da Copa do Mundo em 2014, abordando temas e situações do dia a dia, como saudações, expressões idiomáticas e a comunicação em aeroportos, hotéis etc. A intenção aqui é demonstrar que é possível difundir a língua portuguesa a partir de pequenas ações, como é caso da produção de manuais específicos que auxiliam na comunicação eficaz entre estrangeiros e brasileiros, evitando possíveis incompreensões ou desentendimentos. Nossos pressupostos teóricos são baseados nas relações entre cultura, identidade e espaço, que são, em nosso ponto de vista, essenciais para que haja uma comunicação intercultural eficiente durante o citado evento esportivo de 2014.

Palavras-chave: Cultura; Expressões cotidianas; Português para estrangeiros; Copa do Mundo.

Sumário

Introdução.....	-
Capítulo 1: Língua, Povo e Cultura.....	-
1.1. Língua portuguesa e suas faces históricas, políticas e sociais.....	-
1.2. A formação do povo brasileiro e sua relação com o português.....	-
1.3. Cultura: o conceito sob diversas perspectivas e sua relação com a língua.....	-
Capítulo 2: Copa do Mundo de 2014 no Brasil.....	-
Capítulo 3: Expressões idiomáticas.....	-
3.1. Noções de espaço.....	-
Capítulo 4: Encaminhamentos práticos para a produção de guia de conversação para estrangeiros.....	-
Considerações finais.....	-
Referências bibliográficas.....	-

Introdução

O Brasil tem crescido muito em todos os aspectos nos últimos anos, um sinal desse crescimento é a posição que o País ocupa no cenário internacional como integrante de várias organizações importantes como: Organização das Nações Unidas – ONU; Mercado Comum do Sul – MERCOSUL; Agrupamento Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul – BRICS.

Em todas essas organizações, o Brasil tem posição de destaque, seja por sua economia ou política. Somos um país que desperta interesse dos estrangeiros nas mais diversas áreas, inclusive nos investimentos. Muitos desses estrangeiros vêm para o Brasil em busca de emprego ou estudo, e um forte indicador dessa presença no País é a quantidade de convênios firmados entre universidades brasileiras e estrangeiras e a grande procura por cursos de português como segunda língua.

Foi pensando nisso e em outros fatores que houve o desejo e a necessidade de se criar um curso de graduação que formasse profissionais capacitados para trabalhar com o português como segunda língua. O curso foi criado na Universidade de Brasília – UnB e, nesse ano de 2013, completará 15 anos de existência, sendo que se trata do único curso de graduação com esta habilitação no País.

É nesse contexto de ascensão da língua portuguesa no mundo que reside a relevância do nosso trabalho, pois nosso objetivo é trazer à tona subsídios capazes de fomentar a produção de um guia de conversação para estrangeiros de todas as nacionalidades durante a realização da Copa do Mundo em 2014.

É de conhecimento geral que, ao chegarmos a um determinado país, muitas vezes trazemos conosco concepções e preconceitos acerca da cultura, povo e língua, entretanto quando nos deparamos com a realidade em contexto de imersão, temos a oportunidade de refazer nossos esquemas a respeito de todos os aspectos citados acima.

Contudo existem na linguagem muitos “ruídos” que podem atrapalhar o entendimento entre estrangeiros e nativos, como é o caso das expressões idiomáticas, que podem causar mal-entendido e mal-estar se não forem utilizadas em contextos específicos e muito bem explicadas.

As expressões linguísticas são estruturas culturalmente marcadas na língua e dependem muito mais de um conhecimento cultural/linguístico do que conhecimento gramatical/estrutural da língua-alvo. Tendo em vista essas considerações, nosso trabalho poderá contribuir no campo prático da comunicação/entendimento intercultural eficaz entre estrangeiros e nativos.

Esse trabalho é composto por quatro capítulos. No primeiro, faremos um panorama da língua, abordando sua formação, sua posição no *ranking* das línguas mais faladas no mundo e outras características pertinentes ao desenvolvimento de insumo teórico desse tema. Analisaremos as distintas definições de cultura e a formação do povo brasileiro, para podermos ter uma perspectiva da dimensão da língua no cenário internacional e, assim, traçar rumos coerentes e reais para a confecção de um material que auxilie, de fato, os estrangeiros durante a estadia no Brasil.

No segundo capítulo, discutiremos o histórico do futebol, sua relação com a linguagem e a escolha do Brasil como sede do segundo evento esportivo mais importante do mundo. Dentro da discussão, faremos um pequeno retrato das cidades que sediarão jogos e a expectativa dos brasileiros sobre os estrangeiros que virão participar do evento em 2014.

No terceiro capítulo, trataremos das expressões idiomáticas e noções de espaço que variam de cultura para cultura. Buscamos embasamento teórico no livro *Dimensão Oculta*, do antropólogo Edward Hall, que trouxe várias contribuições para o nosso estudo. Esperamos demonstrar que o esporte é capaz de unir pessoas e ultrapassar barreiras e pode ser um agente ativo e positivo no ensino e difusão da língua portuguesa no mundo. Vamos trabalhar também outros tipos de expressões, deixando claro que essas estruturas exercem importância dentro da língua e a sua aplicabilidade no ensino de português como segunda língua.

Finalmente, no quarto capítulo, serão apresentados os encaminhamentos práticos para a confecção/produção do guia de conversação para estrangeiros, com base nos insumos teóricos apresentados.

Nas considerações finais, retomaremos os nossos objetivos e faremos reflexões apresentando as possibilidades da aplicabilidade do material durante a Copa do Mundo nas cidades-sede.

Capítulo 1

Língua, Povo e Cultura

A língua, em todas as suas variedades, em todos os modos em que aparece na vida cotidiana, constrói um mundo de significados. Quando você se depara com diferentes significados, quando você se torna consciente dos seus próprios e trabalha para construir uma ponte para outros ‘cultura’ é o que você está fazendo. A língua preenche os espaços entre nós com sons; a cultura forja conexão humana através deles. A cultura está na linguagem e a linguagem está impregnada de cultura. (AGAR, 1994)

1.1. Língua portuguesa e suas faces históricas, políticas e sociais

Quando falamos em língua, temos que pensar que ela é mais do que um meio de comunicação entre pessoas, ela é um caracterizador e identificador do povo que a fala. Com o português não foi diferente, veremos que a língua portuguesa, hoje, pode ser diferenciada em duas línguas e são elas: Português do Brasil (PB) e Português Europeu (PE), essa separação fez-se necessária por conta das grandes diferenças entre a língua falada/escrita no Brasil e a língua falada/escrita em Portugal.

Para entendermos essa separação, é importante lembrar os rumos que a história tomou e, a partir daí, tudo ficará mais claro, pois apesar de nosso estudo estar ligado intimamente à área da Linguística, outras áreas como História, Sociologia e Antropologia contribuíram muito para o desenvolvimento da nossa pesquisa.

Portugal, há muitos séculos, foi um país pioneiro nas grandes navegações, ele tinha por objetivo descobrir novas rotas marítimas para as Índias por contas das especiarias e também

desejavam encontrar novas terras. Foi em uma dessas viagens que se depararam com o país que hoje chamamos República Federativa do Brasil.

A partir dessa descoberta, a Coroa Portuguesa logo se interessou pela nova terra, pois havia muitas riquezas que chamaram a atenção dos portugueses: a terra fértil, o pau-brasil e o ouro. Entretanto, a terra recém-descoberta a qual inicialmente deram o nome de Vera Cruz já era habitada por índios, os quais os portugueses chamaram de bárbaros e desalmados por terem língua, cultura e religião diferentes dos padrões aceitáveis por eles.

Como a terra já era habitada, os portugueses tinham que impor sua supremacia de alguma forma, e a maneira escolhida, além da colonização, exploração física e outras formas condenáveis, foi a imposição da língua portuguesa como obrigatória, ou seja, língua oficial, negando a eles o direito de legitimar sua língua e cultura por meio do uso.

Essa imposição foi criada pelo Marquês de Pombal, no século XVIII, ele proibia o uso de qualquer língua que não fosse o português. A história nos revela que, por conta da miscigenação de povos indígenas e africanos, surgiu uma língua chamada língua geral, que se difundiu por todo o território, chegando a ameaçar a supremacia da língua portuguesa e o domínio português sobre o povo.

Após a constatação dessa e de outras ameaças, como os jesuítas, o Marquês tomou a decisão de que todos os documentos oficiais, incluindo jornais e folhetins, e o ensino nas escolas, deveriam ser feitos em língua portuguesa, pois, se não fosse assim, os transgressores sofreriam punições severas por parte do governo.

Com isso, o uso do português se tornou obrigatório. Entretanto, o acesso à língua formal era elitizado, ou seja, todos deveriam falar e escrever português, mas apenas uma pequena parcela da população tinha acesso ao aprendizado formal da língua.

A partir daí, a língua portuguesa realmente tornou-se a língua oficial do Brasil, só que ao longo do tempo, com as transformações sociais e políticas pelas quais passamos, o português falado aqui foi se distanciando cada vez mais do português falado em Portugal, como dissemos no início do capítulo.

Podemos levantar várias hipóteses a respeito das causas desse distanciamento, como por exemplo: a influência das línguas indígenas e africanas, a dimensão territorial do país, o contato com povos árabes, holandeses e espanhóis, entre outros. Esse contato fez com que fôssemos “abrasileirando” a língua, tornando-a única e capaz de representar o povo que hoje a tem como língua materna. Essa noção de tornar a língua portuguesa em brasileira é uma outra discussão, aqui nossa intenção não é fazer uma extensa linha do tempo com todos os fatos históricos, ou em teorias da Sociolinguística (apesar de todas áreas perpassarem mais ou menos significativamente nosso estudo) e sim ressaltar os aspectos pertinentes para o entendimento da formação da língua portuguesa no Brasil.

O que queremos demonstrar é que o português, desde que foi instituído como língua oficial do Brasil, sofreu inúmeras mudanças que contribuíram para chegarmos ao estágio de ser uma das oito línguas mais faladas do mundo, segundo dados da Comunidade de Países de Língua Portuguesa – CPLP. Por isso, podemos dizer que o português do Brasil tem ganhado destaque no cenário internacional devido ao quadro favorável que apresentamos no que diz respeito à política e economia. Esse destaque pode ser percebido pelo interesse dos estrangeiros em cursos de português do Brasil, e, foi pensando nessa demanda, que, professores da UnB criaram o primeiro e único curso de graduação do Brasil voltado para estrangeiros, surdos e indígenas, intitulado Letras – Português do Brasil como segunda língua – PBSL.

Neste ano de 2013, o curso completará 15 anos de existência e os alunos formados encontrarão um campo bastante favorável, graças à visibilidade do Brasil no cenário internacional e aos eventos esportivos que iremos sediar em 2013, 2014 e 2016. Tais eventos contribuíram para a circulação de estrangeiros de todas as nacionalidades no País, especificamente nas doze cidades-sede que receberão jogos, como é o caso de Brasília, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Porto Alegre e outras.

Depois desse pequeno levantamento de informações, podemos fazer o seguinte apontamento: a nossa língua está em processo avançado de consolidação e prestígio entre os estrangeiros, somos um país economicamente confiável e com um dos sistemas políticos mais estáveis do mundo. Sendo assim, somos capazes de receber com qualidade os estrangeiros e consolidar nossa posição favorável diante do mundo, criando mecanismos para que o português

possa se destacar ainda mais no mundo, podendo chegar a ter *status* de língua franca, como é o caso do inglês.

1.2 A formação do povo brasileiro e sua relação com o português

Para falarmos a respeito da formação do povo brasileiro, usaremos como base teórica a obra do antropólogo Darcy Ribeiro intitulada *O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil*, escrita em 1995. Escolhemos essa obra por ser muito rica em informações e ainda se fazer atual, atendendo aos objetivos do trabalho.

Para iniciar nossa reflexão, usaremos um pequeno trecho do que Darcy sustenta em seu livro: “Somos muito mais marcados hoje pelas nossas semelhanças do que pelas diferenças, pois somos parte do mesmo processo histórico e civilizatório.” Podemos, a partir dessa afirmação, pensar que o autor coloca todos na mesma situação, na qual trata todos os indivíduos como iguais, mas, na verdade, o que ele propõe é que realmente somos plurais desde a nossa formação enquanto país. O fato de termos vários “Brasis” em um só é algo que merece atenção, pois sofremos com a discriminação advinda da mistura de raças, desigualdade social, separação entre as áreas urbanas e rurais, conflitos entre classe dominante e classe dominada e com processos de exploração. Com isso, vemos que sempre houve uma tentativa de uniformizar a população que aqui vivia, sendo ela nativa ou estrangeira, percebemos, até hoje, que a mídia tenta impor uma cultura única para todo o País, deixando de lado dados como extensão territorial e miscigenação do povo brasileiro e sua formação histórica.

No livro, Darcy revela que existe um Brasil crioulo que nasceu nos engenhos nordestinos, um Brasil caboclo que nasceu da mistura dos índios genuínos com outros mestiços, um Brasil sertanejo que tinha como característica a criação de gado e o garimpo e um Brasil sulista que tinha características como a heterogeneidade cultural e era formado por gaúchos, matutos que tiveram papel importante no aportuguesamento linguístico e no abasileiramento cultural da região Sul, incluindo os gringos, que eram os povos germânicos, italianos, poloneses, japoneses, libaneses e outros.

Essas informações nos fazem refletir a respeito da criação de uma identificação própria, ou seja, só nos confirma aquilo que trazemos ao longo da nossa formação acadêmica como verdade, somos um povo batalhador, que foi se recriando e criando uma identidade própria ao longo do tempo. Não somos mais apenas misturas de outros povos, hoje somos brasileiros nascidos aqui, com uma língua oficial, que é ensinada nas escolas e é aprendida no dia a dia no meio familiar. Isso só aconteceu graças à luta dos povos por sua independência e legitimação da própria cultura. É fato que, na época da colonização, os índios não foram tratados com respeito no que concerne a suas línguas e costumes, eles foram colocados apenas como índios, tendo suas identidades étnicas totalmente ignoradas, e, por não aceitarem ser escravizados, eles foram separados de seus familiares e eram forçados a trabalhar com os índios de outras tribos que tinham línguas totalmente diferentes. Por isso, eles não podiam se comunicar nem se organizar para fazer motins, por exemplo, e isso os forçou a aprender a língua dos capatazes para poderem entender as ordens e não serem punidos. Por causa dessa situação a que foram submetidos, eles foram os principais disseminadores da língua portuguesa no Brasil.

Os novos brasileiros, pessoas que haviam nascido aqui, precisavam de uma identificação nacional, pois, apesar de terem sofrido certa discriminação e preconceito por não serem índios ou portugueses, tinham que encontrar maneiras de se diferenciar e uma delas foi a cor. Essas informações são interessantes por explicarem a relação que temos hoje com a língua, pois, devido às ocupações de diversas maneiras no território, a mentalidade e os costumes foram se perpetuando ao longo dos anos, e isso é refletido na relação que a população tem com a própria língua, pois não é difícil ouvirmos a seguinte afirmação: Não sei português, não sei falar direito ou não tenho cultura. Essa é uma concepção que se encontra ultrapassada, caindo em desuso com vários estudos linguísticos. Segundo as teorias de Noam Chomsky de competência e desempenho, todas as pessoas nascem com capacidade para aprender qualquer língua, o que seria a chamada competência, e a partir da comunidade (país) em que ela está inserida, ela vai aprender os parâmetros linguísticos, ou seja, o que pode e não pode, esse seria o desempenho que será lapidado com o acesso ao ensino formal da língua.

Com essa breve explicação, queremos dizer que todos nós que nascemos aqui e aprendemos o português desde pequenos, somos bons falantes da língua e somos conhecedores de sua estrutura. É importante dizer que, quando afirmamos que somos conhecedores das

estruturas, estamos falando em sua maioria do conhecimento inconsciente. Isso é muito fácil de provar com teste simples, por exemplo: pedimos para uma criança sem muitos anos de escolarização analisar o seguinte enunciado: “Ontem vamos festa nos”. Ela com certeza não entenderá o sentido do enunciado, pois essa não é uma estrutura do português, nossa língua tem a ordem Sujeito, Verbo e Objeto – SVO.

Essa crença de não sabermos nosso próprio idioma tem mudado ao longo do tempo, graças à mudança de postura dos estudiosos dentro da própria academia, que têm estudado mais os fenômenos de variação e aquisição da linguagem e têm atuado diretamente na formação da nova geração de profissionais que irão trabalhar em sala de aula, mais próximos da população, contribuindo para que haja uma revolução no pensamento dos brasileiros, aumentando a nossa autoestima e diminuindo o que Nelson Rodrigues chamou de “complexo de vira-lata”.

Essas quebras de paradigma nos ajudam a conceber a língua portuguesa como língua estrangeira (LE) e ou segunda língua (L2) de um público específico, como será o caso dos estrangeiros que virão para o Brasil no próximo ano.

A postura dos profissionais em relação a sua própria língua é um fator muito importante para os estrangeiros que se interessam pelo português, pois, à medida que protagonizamos nossa própria história e assumimos uma identidade coerente com o que encontramos no cotidiano, somos capazes de difundir não apenas a língua *per si*, mas a língua como cultura.

Vamos nos aprofundar nessa questão da cultura um pouco mais adiante, entretanto é válido dizer que a nossa relação com o português está intimamente ligada à noção de cultura e como nos enxergamos enquanto brasileiros, pois como disse Darcy Ribeiro (1995):

Nós os brasileiros se sabem, se sentem e se comportam como uma só gente, pertencente a uma mesma etnia. Essa unidade não significa porém nenhuma uniformidade. O homem se adaptou ao meio ambiente e criou modos de vida diferentes. A urbanização contribuiu para uniformizar os brasileiros, sem eliminar suas diferenças. Fala-se em todo o país uma mesma língua, só diferenciada por sotaques regionais. Mais do que uma simples etnia, o Brasil é um **povo nação**, assentado num território próprio para nele viver seu destino.

Portanto, temos que aproveitar essa abertura para não apenas ensinar a nossa língua, mas deixar para trás os estereótipos, que vêm acompanhando o imaginário dos estrangeiros acerca dos brasileiros.

1.3. Cultura: O conceito sob diversas perspectivas e sua relação com a língua

Cultura é um termo que é associado a várias áreas do conhecimento. Esse conceito, na maioria das vezes, enobrece certo tipo de conhecimento em detrimento de outro, apesar dessa visão simplista ser a mais repetida pelas pessoas sem o conhecimento mais profundo acerca do tema, temos que levar em conta a origem de tal pensamento, para que possamos chegar, de fato, a um conceito que melhor represente os nossos objetivos, que são: entender a cultura que os brasileiros dizem ser a sua, fazer uma relação entre cultura e língua, pois acreditamos que a língua está intimamente ligada à cultura e uma não pode existir se não tiver a outra como apoio. E, por último, analisar o comportamento dos professores em relação à cultura nas aulas de português como LE ou L2.

Primeiramente, temos que dizer que o conceito de cultura é trabalhado em áreas como a Antropologia, Sociologia, Sociolinguística, Comunicação, Psicologia, Etnografia e inúmeras outras. Essa informação é pertinente, porque nos mostra que as diversas ciências se interessam em entender e aplicar esse conhecimento de maneira a contribuir para a melhoria e aperfeiçoamento de suas áreas. Isso explicaria o porquê de não existir um conceito único de cultura que satisfaça a todas as necessidades das áreas do conhecimento.

Vamos usar como referência os estudos de Laraia (2004), que nos traz contribuições importantíssimas acerca do tema, pois, em seu livro *Cultura: um conceito antropológico*, ele faz um histórico desde a primeira concepção de cultura formulada por Edward Tylor (1871), passa por Frans Boas (1858-1949); Alfred Kroeber (1876-1960), que tem como principal preocupação desfazer a confusão entre o orgânico e o cultural até chegar aos dias atuais.

Todas essas visões são interessantes, pois contribuíram muito para a evolução do conceito, porque foi por meio de tais evoluções que hoje somos capazes de entender o que a cultura representa para a sociedade brasileira. A maneira como nos relacionamos com os outros e com nós mesmos está muito ligada à questão cultural, fato que mostra o caráter adaptável da cultura. É válido ressaltar que, desde a vinda dos portugueses para cá, o entendimento de cultura que tínhamos era imposto basicamente pela cultura erudita da igreja, que era e ainda é muito valorizada na nossa sociedade. Não queremos aqui definir nada como sendo uma verdade incontestável, pois precisamos partir do geral para chegarmos ao específico.

Por isso, começaremos com os dois conceitos de cultura definidos por Lyons. Um seria a dicotomia erudição *versus* barbarismo e o outro seria a cultura como legado social de um grupo. Essa pequena distinção introduz a relação da língua com a cultura, pois ambas precisam coexistir para fazerem sentido, já que é por meio da língua que expressamos nossos pensamentos e classificamos o mundo. Segundo Sapir (1949):

A língua é um guia para a realidade social. Muito embora, a língua não seja considerada, em geral como o interesse essencial para os estudiosos de Ciências Sociais, ela condiciona de forma poderosa todo o pensamento a respeito de processos e problemas sociais (*apud* Wierzbicke, 1992)

Essa visão é interessante, porque, a partir dela começamos a entender a dimensão do que é ensinar cultura para um estrangeiro, pois, como professores, muitas vezes nos falta uma formação cultural sólida e adequada, e acabamos tratando do assunto de forma enciclopédica e dissociada das outras áreas do conhecimento.

Gostaríamos de deixar claro que a formação cultural que defendemos não é apenas saber fatos históricos ou mesmo “turísticos” do Brasil, como a feijoada, caipirinha e samba, que assumiram fora do País um papel de estereótipos do que é ser brasileiro. O que defendemos é o conhecimento dos significados que são associados a determinados comportamentos, e isso abarca as expressões idiomáticas, a língua, regionalismos e variações. Segundo Galloway (1985), *apud* Omaggio, 986:359) “ensinar uma língua estrangeira implicaria em ensinar formas de ser agir, pensar, enfim, de ler o mundo.”

Esses aspectos são importantes para a aquisição satisfatória de uma língua estrangeira, pois Laraia (2004) coloca-nos que “a cultura é dinâmica, pois está em constante modificação”, e é necessário que, enquanto professores, possamos atingir o objetivo máximo do processo de ensino/aprendizado de uma língua estrangeira, que é inserir o indivíduo (aprendiz) dentro de um nível de participação mínimo dentro da comunidade. Isso significa oferecer o acesso a conhecimentos culturais e sociais, proporcionando ao indivíduo a condição de comunicar-se com eficácia com os outros membros da comunidade. Podemos complementar esse raciocínio com contribuições do próprio Laraia, ao afirmar que: “os indivíduos participam diferentemente na sua cultura, e essa participação é limitada.”

Esse é um bom insumo teórico para desmistificarmos, de vez, o que os estrangeiros esperam de um típico brasileiro: para ser brasileiro, é preciso gostar de feijoada e caipirinha, ser bom de futebol, saber sambar e outras exigências que correspondem apenas a uma parcela da população, e sabemos que, muitas vezes, assumimos uma identidade que não é a nossa para que possamos nos sentir parte do grupo. E é nesse ponto que a linguística traz sua contribuição no que diz respeito ao conceito de cultura dentro do ensino de português como LE ou L2, pois esta área do saber encara a cultura como um processo e não como um produto, levando em consideração a experiência de vida dos indivíduos e sua relação com o meio. Pensando nessa relação entre língua e cultura, fica evidente o caráter heterogêneo do nosso estudo, pois na medida em que vamos discorrendo sobre esses vários assuntos, eles vão se entrelaçando, formando uma rede que se complementa.

Clair Kramersch (1998) é uma estudiosa que trata da relação entre linguagem e cultura, sua visão é muito interessante, pois liga o social à linguagem, casando conhecimentos que extrapolam os limites da linguística, ela diz: “a linguagem é a principal forma através da qual conduzimos nossa vida social. Quando ela é usada em contexto de comunicação, ela está embebida de cultura de múltiplas e complexas maneiras.” Essa afirmação é interessante, pois nos leva à seguinte reflexão: tudo é significado na cultura por meio da língua, entretanto é interessante fazermos uma pequena observação acerca da afirmação de Kramersch (1998), quando a autora diz que a linguagem é usada em contexto de comunicação, nos vem um pequeno estranhamento, pois não conseguimos enxergar outro contexto de uso da linguagem sem ser para a comunicação. Acreditamos que esses processos podem acontecer inconscientemente, sem que o falante (seja ele nativo ou estrangeiro) perceba esse ato, pois entendemos que ele sempre comunicará algo ao usar a linguagem, e essa comunicação pode ou não ser verbalizada, apesar de a comunicação utilizar a linguagem, assim como a cultura emprega a língua para fazer sentido, essa pequena observação não desqualifica, de maneira alguma, as contribuições da autora para o nosso estudo. Isso é muito interessante, pois coaduna com a posição de Pedrosa (1999), que desenvolve seus estudos no que ele chama de comunicação intercultural, que seriam as atitudes perante as outras culturas, reduzindo o etnocentrismo e permitindo ações de respeito, criando posicionamentos mais abertos nos aprendizes de LE ou L2.

Propomos, por meio de todos os conhecimentos expostos acima, que deve haver uma aprendizagem cultural por meio de estudos mais embasados teoricamente, ou seja, uma aplicação dos conhecimentos teóricos que estão sendo produzidos na academia, extrapolando os seus muros e indo para a prática dos docentes. Um exemplo muito interessante de estudo sobre cultura é de Poter e Samovar (1997), que propõem a existência de uma cultura material, cultura mental e cultura social. Cada uma dessas culturas é parte de um todo e devem ser entendidas e utilizadas da melhor maneira possível, adequando-se às necessidades de cada situação.

Portanto, a cultura é um conceito plural e coletivo, que contribui para a formação intercultural dos alunos e que deve ser trabalhada de maneira mais consciente e planejada pelos professores, pois, somente assim, seremos capazes de aprender a respeitar as diferenças e viver em sociedades menos etnocêntricas e mais abertas ao novo. Para finalizar, gostaríamos de trazer o que Oliveira (2001) diz sobre a convivência entre sociedades globalizadas como as que vivemos hoje: “a interação com o outro faz com que o indivíduo se desenvolva, e que sem esse outro o homem não se constrói.”

Capítulo 2

Copa do Mundo de 2014 no Brasil

A Copa do Mundo da FIFA (Federação Internacional de Futebol Associados) é um dos maiores acontecimentos esportivos do mundo, tendo como objetivo unir as melhores seleções de futebol de todo o mundo em competições realizadas a cada quatro anos em um ou mais países-sede.

O Brasil foi o único país a participar de todas as competições e é o maior ganhador de títulos, com cinco vitórias em seu currículo. Com isso, percebemos que o evento traz embutidos em sua realização vários aspectos que influenciam na vida das pessoas que moram no País como: a construção de aeroportos, reformas e construções de estádios, estradas, aumento do contingente de hotéis, investimentos na economia por parte de empresas privadas. Tudo isso atinge diretamente a economia e a política do país-sede, reforçando ou não suas características positivas e sua capacidade de receber um evento com o porte da Copa do Mundo, que, atualmente, é feita com a participação de trinta e duas seleções durante o período de um mês.

Para entender o motivo de o futebol ser tão bem aceito e gozar de tanto prestígio pelos brasileiros e para entendermos essa relação do nosso povo com o futebol, vamos fazer um breve histórico a respeito do esporte. Vários estudos apontam que os jogos com bola eram praticados em muitas culturas antigas, mas não se pode dizer que era o futebol, pois estes jogos não possuíam regras estabelecidas.

Os primeiros sinais da existência de um jogo que, provavelmente, deu origem ao futebol são de, aproximadamente, dois mil e quinhentos anos antes de Cristo, na China. Era considerado como um treino militar em que os soldados chutavam, após as guerras, os crânios de inimigos mortos. Posteriormente, o jogo começou a ser praticado em um campo quadrado com oito jogadores em cada equipe, em que nas extremidades havia duas estacas ligadas por um fio, formando o gol. A bola era de couro, revestida com cabelo e o objetivo do jogo era transferir a bola de um pé a outro sem deixar que caísse no chão até as duas estacas.

Na Grécia, foi criado um jogo chamado *Episkiros*, em que se dividiam duas equipes de oito soldados militares cada, em um terreno retangular. No Japão, o jogo era chamado *kemari* e era muito similar ao atual. No entanto, era praticado por indivíduos da corte imperial, que deviam evitar o contato físico, e a bola era feita de fibras de bambu.

Na Itália, surgiu um jogo conhecido como *gioco del calcio*, em que a violência era muito frequente. Por ser um jogo barulhento e violento, foi proibido pelo rei da época, sendo punidos os jogadores que insistissem na prática. Após alguns anos, foi criada uma nova maneira de o jogo ser praticado, usando regras, impostas por juizes, que administravam os conflitos dentro do campo, proibindo a violência entre os jogadores.

É possível que esses esportes violentos citados acima tenham dado origem ao futebol americano, que, nos Estados Unidos da América, é conhecido simplesmente como *football*, importado da Rugby School. O *football* e o *rugby* são, hoje, esportes bem diferentes e, na Europa, o nome *rugby* é usado para mencionar o jogo que deu origem ao futebol americano. Tanto o *rugby* quanto o futebol americano utilizam muito pouco os pés durante as partidas, isso os difere muito do *soccer*, como é chamado nos Estados Unidos e do futebol praticado no Brasil.

O futebol chegou então à Inglaterra, onde começou a criação de regras, estimulando a prática e as técnicas do esporte. Acredita-se que o futebol saiu da Itália e chegou à Inglaterra por volta do século XVII e, em 1885, o futebol foi profissionalizado no país. O esporte foi tão bem aceito em todos os países que foi necessário criar uma organização internacional, a Federation of International Football Association – FIFA, especialmente para a modificação e criação de leis, se necessário fosse. Atualmente, a FIFA conta com cerca de duzentos países associados, que fazem do futebol um meio para a integração nacional e internacional.

O futebol como conhecemos hoje foi trazido para o Brasil, no ano de 1894, por Charles William Miller e Oscar Cox. O primeiro, paulistano e filho de um escocês com uma brasileira, e o segundo, filho de ingleses. Ambos foram estudar na Inglaterra, onde começaram a praticar o esporte. Quando voltaram para o Brasil, trouxeram, além de duas bolas de futebol e um uniforme completo, as regras usadas na prática do esporte.

O futebol foi, aos poucos, agradando à sociedade e tornou-se um esporte popular praticado em quase todo o mundo, contando com diversos times e campeonatos nacionais e

internacionais. Hoje, é transmitido por diversos meios de comunicação de massa, contando com inúmeros programas esportivos que o tornam um dos esportes mais assistidos pela população.

A partir daí, surge a identificação do povo brasileiro com o esporte, apesar de, no início de sua história no Brasil, o futebol era praticado apenas pela elite branca e jogado por estudantes ou jovens estudantes de classe alta.

O nome futebol (*football*) é utilizado na maioria desses países, mas em apenas quatro o nome dado é outro: nos Estados Unidos, Canadá e Austrália o esporte é conhecido como *soccer* e na Itália, como *calcio*. A palavra *football* tem origem inglesa e sua designação, segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2002), é *foot* = pé e *ball* = bola, dando o nome ao esporte *foot-ball*, que foi grafado dessa maneira por cerca de 30 anos. Assim, tornou-se futebol o nome dado ao esporte pela maioria dos países que o praticam. Isso mostra a forte influência do Brasil no nome do esporte e também as transformações sofridas pelo vocábulo ao longo de sua história, pois além do nome, diversos termos passaram por modificações e fazem, hoje, parte do vocabulário da língua portuguesa, mas antes, alguns deles, utilizados na imprensa sobre os jogos, eram em inglês.

Todos os dias, ouvimos nas ruas palavras e expressões diferentes das que são ditas no contexto normal da maioria das pessoas. Gírias e jargões são muito utilizados entre os jovens ou entre um grupo específico de falantes. A linguagem futebolística interfere no cotidiano das pessoas, que passam a incorporar diversas palavras e expressões faladas por jogadores, comentaristas esportivos e locutores. Até mesmo aqueles que não são tão admiradores do futebol acabam por absorver essas unidades.

Esses termos e expressões, geralmente, recebem significação diferente no cotidiano e sua semântica pode estar relacionada a vários assuntos e contextos. Exemplos disso podem ser quando se fala que alguém: “pisou na bola”, “está fazendo firula”, “deixou alguém de escanteio”, “está driblando o desemprego”. Expressões como essas são bem comuns na linguagem cotidiana e já fazem parte do vocabulário de muitas pessoas.

Outra questão interessante é quando a linguagem futebolística começa a ser utilizada para se referir ao sentido sexual. Nesse caso, muitas vezes, os termos são falados com malícia.

Quando se fala que uma pessoa faz “marcação cerrada sobre outra” ou aquela pessoa “esconde o jogo” ou ainda “não deu assistência”, entra no campo das relações entre homem e mulher.

Uma expressão famosa é a dita por Osmar Santos “pimba na gorduchinha” que nada mais é do que chutar a bola, mas que pode remeter a outros sentidos, dependendo da intenção do falante.

Em entrevista dada à revista *Língua Portuguesa* (2006, p.10), Ivan Proença diz: “A bola é a mulher: há que se tratá-la bem, com afeto, com intimidade, ‘dormir’ com ela, para conservá-la ao seu lado, sempre”. Essa relação feita entre a bola e a mulher representa a força que a bola tem como símbolo no futebol e também a força da mulher em relação à busca por um objetivo, ou seja, o jogo da conquista.

Aproveitando a riqueza desse vocabulário, “nessa altura do campeonato”, vale lembrar que muitos termos já deixaram de ser mencionados, muitos ainda são e outros ainda serão, pois essas mudanças contínuas precisam acontecer para que não se tornem repetitivos e cansativos demais na linguagem do futebol. Isso se dá devido ao acompanhamento que se faz da dinamicidade da língua e dos falantes, que também são torcedores.

Segundo Mauro de Salles Villar (2006, p.9), diretor do Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, acepções e vocábulos novos entram nas línguas vivas diariamente e isso é necessário para que a linguagem, seja do futebol ou de outro segmento, não se canse.

É importante perceber que a linguagem futebolística apresenta um vocabulário bastante variado e rico, contando com termos e expressões usados no dia a dia das pessoas, que vão, cada vez mais, incorporando-se ao léxico da língua portuguesa.

Para demonstrar que a linguagem do futebol apresenta grande riqueza vocabular e expressões que já se incorporaram à língua portuguesa, exemplo disso são as construções linguísticas apresentadas neste capítulo entre aspas, que são típicas do futebol e do uso diário da maioria dos falantes ao se comunicarem.

Verifica-se, desse modo, a força do futebol no auxílio de enriquecimento da língua, pois quanto mais uma palavra é utilizada por seus falantes mais ela tem chances de se valer de novos significados e se tornar aceita em meio aos usuários da língua.

É interessante ressaltar que as transformações semânticas ocorrem devido à grande utilização feita pelo público que batiza os termos empregados no esporte, garantindo sua aceitabilidade. Elas possuem uma relação de dependência com a cultura de cada região ou país, pois uma determinada expressão pode não ser significativa aos membros de uma comunidade linguística, mas sim, para outra. Um exemplo é o famoso “chapéu” que deixa de ser um acessório utilizado na cabeça por homens e mulheres e se torna a jogada em que a bola é lançada sobre a cabeça do adversário com a intenção de driblá-lo durante o lance.

Por esse motivo, surgem diversos neologismos na língua, aportuguesam-se e incorporam-se muitos estrangeirismos, que, por sua vez, terão maior significação e aceitabilidade aos falantes da língua que os utiliza.

Segundo o professor Francisco Platão Savioli (2006), esse jogo com as palavras é feito pelo futebol com grande êxito. Salienta em reportagem concedida à revista *Língua Portuguesa* (2006, p.16): “O futebol tira ou acrescenta, com muito sucesso, sentidos aos termos que adota [...] O esporte criou um espectro lexical tão grande que virou o exemplo mais popular de que o sentido dado às palavras nunca será único”. (SAVIOLI, 2006, p.17)

Com isso, vemos que, como afirma Savioli (2006), os termos e expressões do futebol, originados do cotidiano da sociedade brasileira, podem ser usados no enfoque da valorização e do ensino da língua, que é o foco do presente estudo.

Outro exemplo passível de citação é o do professor Luiz César Saraiva Feijó, que em um dos seus livros, *Balançando o véu da noiva*, faz um estudo da linguagem figurada do futebol brasileiro a partir dos conteúdos gramaticais, filológicos, linguísticos e de comunicação, diz que a própria expressão da gíria do futebol “balançando o véu da noiva”, que significa marcar um gol, é explicada a partir dos aspectos da feminilidade, sensualismo, sexualidade, fazendo um paralelo com outras expressões como “beijar as redes”, “abrir as pernas”, “beijar o véu da noiva”. Expressões como essas podem servir de instrumento para ensinar, por exemplo, de acordo com Feijó, as figuras de linguagem antítese (futebol e sensualidade) e metáforas, que remetem o estudante a outras significações, além de mostrar como esses termos já estão incorporados à língua.

Podemos analisar, para enriquecer nosso estudo, o seguinte enunciado produzido por um apresentador esportivo: “Fica patinando agora no gramado!” O que podemos dizer a respeito desse enunciado? Quem patina é o patinador e não o jogador de futebol, sendo assim, segundo a gramática normativa, o apresentador teria cometido um barbarismo (cruzamento), e o correto seria dizer: “Fica patinando agora no gramado”. Já sob a perspectiva da linguística, a preocupação é saber se no uso, os falantes aceitam esse tipo de expressão e se a consideram mais habitual. É provável que os falantes não aceitem essa expressão como usual, pois não a utilizam no cotidiano. Frases como essas são construídas a todo instante entre os participantes da linguagem futebolística e também em outros meios. O que deve ser almejada é a comunicação entre os usuários da língua, valorizando a socialização e a identidade dos diversos ambientes.

Vale ressaltar que a fala dos jogadores, locutores, comentaristas, escritores e críticos esportivos apresenta muita expressividade, mas é, muitas vezes, considerada “desvio” da norma culta sob a perspectiva da gramática normativa. Mostraremos como o ensino-aprendizagem da língua portuguesa, sob a perspectiva da Sociolinguística, vê esses “desvios”, reconhecendo que não se pode dissociar a língua de seu contexto histórico-social.

Linguagem, cultura e sociedade estão ligadas entre si por traços indissolúveis. Isso porque todo indivíduo está inserido em uma sociedade e traz consigo marcas culturais e, ainda sim, possui linguagem. A linguagem é considerada base construtiva na identificação de um indivíduo e disseminadora de toda diversidade e heterogeneidade linguístico-cultural. (PESSOA, 2005)

Conforme observamos na afirmação de Pessoa, ocorre, muitas vezes, a não valorização das diferentes linguagens culturais. A linguagem do futebol é um dos exemplos de linguagem que sofre um estigma social e linguístico, pois, dependendo da maneira pela qual é analisada e interpretada, é vista como uma linguagem pobre e medíocre.

Podemos inserir em nossa análise as contribuições da Sociolinguística que entende o erro sob uma perspectiva diferente da gramática normativa, ou seja, o que ocorre entre os falantes de uma comunidade linguística são maneiras diferentes de utilização da língua. Nessa perspectiva, se a comunicação entre os interlocutores for efetiva, então, pode-se afirmar que não há erro do ponto de vista expressivo.

Mesquita (2002, p.566) ressalta em sua gramática, bem diferenciada das demais, que o erro não deve comprometer a comunicação, sendo a clareza um elemento fundamental, “que vem a ser a qualidade essencial da expressão linguística de quem fala ou escreve.”

Bagno e Freitas (2001), muitas vezes, colocam que há preconceitos e mitos que estão arraigados no ser humano. Um dos mitos mencionados é a respeito da língua única, principalmente no Brasil, mito esse nada científico, mas ideológico. O que os autores querem dizer é que o conceito de erro está muito distorcido na mente das pessoas, ou seja, o que para um falante é a maneira encontrada em determinado momento para se comunicar e expressar seus sentimentos pode ser para outro, motivo de preconceito ou chacota. Esse preconceito é chamado, por Bagno, de círculo vicioso do preconceito linguístico, considerado uma transferência de ideologia que liga a escola à sociedade.

Concordamos com Bagno por saber que o ensino da língua portuguesa, na prática escolar, está comprometido pelo aparelho ideológico da elite, com relação às classes menos privilegiadas e dominadas. É necessário que o educador interfira nessa relação, possibilitando aos aprendizes e também aos usuários da língua, a libertação dessa visão errônea, preparando-os para conviver com as diferenças de seu próximo, o que é muito importante em um contexto de Copa do Mundo no qual a convivência com as diferenças será inevitável. Portanto, o esporte também pode ser utilizado como assunto nas aulas de língua portuguesa, cabendo ao professor criar meios e utilizar recursos linguísticos que atraiam e motivem seus estudantes ao aprendizado.

Falando um pouco mais do Brasil, que foi escolhido como país-sede da Copa do Mundo de 2014, é importante conhecermos características das doze cidades que sediarão jogos ao longo da realização do evento. Começaremos com Belo Horizonte, que foi projetada no final do século XIX, Belo Horizonte é conhecida por seu potencial econômico, que atrai milhares de turistas de negócios anualmente. Terceiro centro industrial do País, também é a porta para o turismo cultural em cidades históricas como Ouro Preto, Mariana, Sabará, Congonhas e Caeté. Possui clima agradável, belas paisagens e arquitetura eclética.

Em relação a Brasília, podemos ressaltar que sua população é composta por pessoas vindas de todos os cantos do País. Possui uma rica diversificação cultural e gastronômica, além

de ocupar o posto de terceira cidade mais rica do País. Tombada como Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco, a cidade inaugurada em 1960 foi projetada pelo arquiteto Lúcio Costa, com edificações desenhadas por Oscar Niemeyer.

Temos Cuiabá, que é conhecida como “cidade verde”, por conta de sua generosa arborização. É o principal centro industrial, comercial e de serviços do estado de Mato Grosso, além de ser a porta de entrada de belíssimas regiões turísticas, como a Chapada dos Guimarães e a região norte do Pantanal, berço da fauna e da flora regional.

Acerca de Curitiba, cidade no Brasil que mais prima pelo planejamento urbano, podemos dizer que possui boa estrutura de transportes e acessibilidade garantida, o que facilita percorrer em um dia suas principais atrações, como o parque da Pedreira Paulo Leminski e a Ópera do Arame.

Fortaleza é um destino turístico dentre os mais procurados, destacando-se pelas belezas do seu litoral. São quinze praias, sendo que uma das mais frequentadas é a de Iracema, onde, além de prédios históricos como a Igreja de São Pedro, o Estoril e a Ponte Metálica, o visitante encontra o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.

Na região Norte do País, temos a cidade de Manaus, com muita natureza e prédios históricos compondo a paisagem da capital amazonense, ponto de partida para passeios ecológicos que apresentam a Floresta Amazônica. Parques ecológicos, passeio de barco até o encontro dos rios Negro e Solimões, *trekking* na mata agradam os turistas mais radicais, enquanto museus e o Teatro Amazonas cuidam da diversão daqueles que preferem algo mais tranquilo.

Natal possui belas praias e dunas que atraem anualmente mais de dois milhões de turistas brasileiros e estrangeiros. Por conta do ar puro e do clima privilegiado, a capital do Rio Grande do Norte ficou conhecida como Cidade do Sol. Com mais de 800 mil habitantes, a cidade passa atualmente por um crescimento demográfico e imobiliário que fortalecem a economia local.

Porto Alegre é uma cidade grande que ainda conserva os ares e as tradições de uma cidade pequena. Os parques são frequentados por muitos e são ideais para tomar chimarrão, um

forte representante da cultura local. Há também churrascarias e restaurantes tradicionais italianos e alemães para quem aprecia culinária.

Recife é cortada por rios, canais e dezenas de pontes ligando seus bairros e apresenta diversos atrativos turísticos, como praias e monumentos históricos. Olinda, município vizinho, abriga um patrimônio histórico valioso. Igrejas, museus e feiras de artesanato completam o cenário.

Rio de Janeiro é mais conhecido como Cidade Maravilhosa. É um dos principais centros econômicos, culturais e financeiros do País. Internacionalmente conhecido por diversos ícones culturais e cartões postais, como o Pão de Açúcar, o Cristo Redentor, além das praias de Copacabana e Ipanema, será palco da final do Mundial.

A cidade de Salvador é conhecida por sua beleza natural e pela boa receptividade do povo, sendo umas das principais cidades turísticas do Brasil. Sua orla é conhecida por ter águas calmas e cristalinas. Devemos ainda ressaltar que o carnaval baiano é famoso em todo o mundo, com festas de rua tanto na orla quanto na cidade histórica, Pelourinho.

São Paulo é hoje uma metrópole global. Com mais de onze milhões de habitantes, a capital paulista recebe cerca de 90 mil eventos anuais. O espaço cultural da cidade também é amplo, com diversos cinemas, museus, centros culturais, teatros e casas de espetáculos.

É importante ressaltar que todas as informações foram retiradas de *sites* do Governo e também da Federação Internacional de Futebol Associados – FIFA e foram disponibilizadas com adaptações. Fizemos uma grande análise de conteúdos a respeito das cidades e descobrimos que o povo brasileiro tem várias expectativas em relação à Copa: alguns dizem que será um ponto positivo para o Brasil, por conta dos investimentos que serão feitos e pela visibilidade que o País terá mundo afora, enquanto outros dizem que será algo ruim, pois os investimentos serão apenas destinados aos estrangeiros e que não ganharemos nada com isso. Mas vale lembrar que a presença desses estrangeiros será uma realidade e nada melhor do que os recebermos bem, dando possibilidades para que eles se comuniquem conosco de maneira eficiente, evitando o máximo de ruídos possíveis durante essa convivência que será por pouco tempo, mas, que poderá, de fato, consolidar valores e crenças acerca da população brasileira em sua totalidade.

Capítulo 3

Expressões Idiomáticas

O português do Brasil é uma língua que conta com vários recursos que auxiliam na comunicação dos falantes, um deles é a expressão idiomática. Definida por Eugenia Magnólia como estrutura de caráter metafórico, cujo estudo é feito a partir de suas manifestações na língua, abrindo caminho para o conhecimento de valores culturais, assim como para a compreensão da visão de mundo expressas nas línguas. Acrescentamos ainda a visão de Lakoff (1987) e Johnson sobre funcionamento da metáfora, que abordam as expressões idiomáticas e dão maior importância à semântica do sentido e aos valores culturais.

A partir dessa pequena definição, podemos afirmar que expressão idiomática tem valor cultural dentro do português do Brasil e os falantes incorporam essas expressões de acordo com o uso e o contexto em que são empregadas. A língua, portanto, tem várias faces que necessitam ser melhor compreendidas para que possamos, então, difundi-la, seja por meio de cursos de português, seja por meio de iniciativas menores, como é o caso da que propomos nessa pesquisa: criar um guia de conversação para estrangeiros durante a Copa do Mundo de 2014.

O estudo de expressões idiomáticas nasce com Vinogradov (1958), estudioso que investiga estudos fraseológicos, os quais chamou de idiomáticos. No Brasil, pesquisadores como Ortiz Alvarez, que publicou sua tese intitulada *Expressões idiomáticas do português do Brasil e espanhol de Cuba: Estudos contrastivos e implicações para o ensino de português como segunda língua*, trazem várias contribuições na área, pois abordam a evolução desse mecanismo, sua aplicabilidade ao ensino e as várias implicações desse conhecimento no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem de língua materna e língua estrangeira. Também podemos destacar a atuação de Xatara (1997) Roncolato (2001) e Succi (2006) em suas obras. Esse pequeno levantamento nos mostra que estudiosos da língua há muito tempo se interessam pelo assunto, e que existe uma gama de contribuições e reflexões, que contribuíram para o amadurecimento desse estudo.

Para a nossa pesquisa, escolhemos, dentre as várias vertentes de estudo sobre expressões idiomáticas, a que defende que estas são construídas no âmbito social e se perpetuam pelos atos

de comunicação dos falantes, pois, quando pensamos em português como segunda língua, encontramos várias dificuldades na introdução desse assunto, já que, ao mesmo tempo em que expressões idiomáticas perpassam a comunicação, também são usadas em contextos específicos em que apenas o conhecimento gramatical não é capaz de fornecer a um estrangeiro a possibilidade de utilizar-se dessas estruturas em um contexto comunicacional. Estudos apontam para a dificuldade dos professores em trabalhar esse aspecto em suas aulas, pois, ao mesmo tempo em que o professor é um falante da língua e conhece muito bem tais expressões e seus contextos de uso, não estão respaldados pelos materiais existentes no mercado, por exemplo: nos livros didáticos raramente são citadas e exemplificadas e, quando aparecem, estão voltadas para o público jovem. Isso limita muito a atuação do professor que acaba por não fornecer todo o funcionamento da língua aos aprendizes, diminuindo o seu conhecimento prático de língua, e que por vezes será cobrado, em situações de comunicação, o conhecimento pragmático da língua.

Pensando em todos esses outros aspectos, existem outras definições como a de Benveniste (1971) que critica Saussure, quando este diz que a união de significante é arbitrária, pois para Benveniste essa união é necessária. Já Chafe (1979, p.42) define que idiomatismos são estruturas linguísticas que trazem uma combinação morfológica sem que sozinhos seus componentes constituam unidades semânticas, posto que, em conjunto, formam uma nova unidade semântica em determinada língua.

Xatara, citada anteriormente, define expressão idiomática como “lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Segundo a autora, o fenômeno é indecomponível, porque é uma combinatória fechada de distribuição restrita. As expressões idiomáticas tem caráter conotativo, porque

sua interpretação semântica corresponde a pelo menos um primeiro nível de abstração, que é calculada a partir da soma de seus elementos sem considerar os significados individuais destes e por fim são cristalizados por que suas significações são estáveis devido ao uso. (XATARA, 1998, p.2)

Rodolfo Ilari (2001, p.78) tem como idiomáticas expressões compostas de diferentes palavras, cujo sentido vale para o lado e não pode ser obtido pela montagem dos sentidos das palavras que os compõe (...) uma característica própria das expressões idiomáticas é que elas

apresentam um forte grau de fixidez, isto é não podemos substituir as palavras que a compõe por outras, sem mudar sua ordem, nem intercalar outras palavras.

É necessário entender essas várias relações, pois as pessoas começam a fazer sentido a partir do momento em que entendemos os seus pontos de vista e modos de encarar situações desconhecidas (LARAIA, 2001), isso se aplica ao conhecimento das expressões idiomáticas no ensino, pois entender o ponto de vista do outro significa compreender as construções linguísticas do povo que consideramos diferente de nós. Portanto, para entendermos esses processos de significação, é necessário procurar em estudos fraseológicos as evidências da dificuldade de haver expressões metafóricas com equivalentes plenos em outras línguas, isso ocorre porque os valores semânticos são distintos, sendo a significação culturalmente sensível.

Sabendo que as características são culturais, podemos nos apoiar em características prototípicas que carregam majoritariamente propriedades de um grupo ou categoria. Podemos ainda utilizar o conceito de iconicidade de Martelotto (2008) para enriquecer nosso estudo, pois ele trabalha com um princípio que pode ser definido como relação motivada e natural entre forma e função, entre expressão e conteúdo.

Portanto, é necessário saber fazer a diferenciação entre expressões idiomáticas que têm as características citadas acima e as expressões que aqui chamaremos de cotidianas, pois essas não são a junção de duas ou mais palavras com outro sentido, essas são as expressões usuais de cordialidade como: bom dia, boa tarde e boa noite, que têm um significado juntas, mas que já se originaram com um sentido único.

3.1. Noções de espaço

Noção de espaço é um assunto que difere muito de país para país e de cultura para cultura, sendo uma das maiores problemáticas nas relações entre as pessoas, pois o desconhecimento das regras que muitas vezes são internalizadas pelas pessoas, são muito difíceis de ser descritas e ensinadas em aulas de língua, já que a homogeneização de comportamentos pode gerar o que chamamos de estereótipos que não levam em conta as diferenças. Existem contrapontos a essa crítica, como é o caso de autores que defendem que os estereótipos facilitam

a vida, pois é a partir deles que podemos associar algumas características que ajudam em nosso comportamento em relação ao outro.

Esse conhecimento acerca da noção de espaço será muito necessário, pois em um evento como a Copa do Mundo, no qual estrangeiros com vários padrões de comportamento e várias definições de espaço estarão unidos em um mesmo território e terão que conviver, aprendendo a respeitar uns aos outros, visando sempre o menor conflito possível. Pensando nisso, Edward Hall, em sua obra *Dimensão Oculta*, nos traz várias contribuições a respeito das noções de espaço, considerando sempre que os modos de comportamento em público diferem muito de povo para povo. Vários exemplos são citados no livro, como o caso de árabes que têm uma noção de espaço diferente em relação ao corpo e seus direitos a ele associados. Eles lidam diferentemente com o ego também, para eles é natural que, em algumas situações, haja silêncio em um grupo sem constrangimento, pois o ficar em silêncio nada mais é do que uma maneira de expressar que querem ficar sozinhos com seus pensamentos. Enquanto nós, brasileiros, temos a necessidade de sempre nos comunicarmos e, quando existem duas ou mais pessoas reunidas, continuamos em constante comunicação, mesmo que seja a respeito de assuntos “banais”, como o tempo que para nós é um iniciador de uma conversa, ou mesmo o modo de “quebrar o gelo”, enquanto que, para um estrangeiro, que mora em país onde o clima definirá sua rotina, como no caso de nevascas, tem outra conotação. Cabe ainda destacar que os americanos, alemães, franceses, japoneses também são citados no texto. Um exemplo interessante é o dos americanos e alemães quanto à questão do que chamamos intromissão, onde uma pessoa, apesar de estar em um ambiente público, preza por sua particularidade, defendendo que sua conversa não deve ser ouvida pelos demais. Podemos fazer um paralelo, então, com a cultura brasileira, na qual a conversa e a interação entre as pessoas em lugares públicos não tem conotação alguma de particular, pois, quando queremos privacidade, vamos a lugares realmente reservados.

Essa contribuição é muito importante, pois exemplos de boas maneiras de um povo podem transmitir embarços aos outros. Os árabes, por exemplo, não sentem desconforto em fitar as pessoas nos olhos, pois, para eles, isso é um sinal de respeito, já para muitos norteamericanos isso é um sinal de desconforto e um jeito de deixá-los pouco a vontade, “há vários níveis de envolvimento e não há constrangimento por parte das pessoas que se envolvem” (HALL, 1999). Podemos citar outro exemplo do povo árabe, que considera o espaço público

como realmente público, e que dá direito a ele a partir da sua necessidade, ou seja, pra eles não existe intromissão ao se aproximarem de uma pessoa sozinha, não estão ferindo ou ultrapassando um espaço inviolável como pensam os americanos.

Acreditamos que saber trabalhar esses aspectos no ensino de português como língua estrangeira seja na produção de materiais didáticos ou na atuação em sala de aula, enquanto professores nativos, traz aos estrangeiros noções não apenas de espaço, como proposto no livro, mas também noções de respeito e tolerância em relação ao diferente dos padrões comportamentais aceitos por nós, pois segundo Hall, essas noções podem facilitar a comunicação entre pessoas de um mesmo grupo e dificultar o diálogo entre pessoas de grupos distintos.

Capítulo 4

Encaminhamentos práticos para a confecção do guia de conversação para estrangeiros

Este capítulo tem o objetivo de mostrar o passo a passo da confecção do guia a que nos propusemos no início do trabalho. Para a produção do conteúdo, usamos como orientadores os pressupostos teóricos construídos nos capítulos anteriores, pois a nossa intenção foi colocar em prática conceitos como cultura e identidade de maneira simples e eficiente, para que os estrangeiros, que são o público-alvo do presente guia, sintam-se, de fato, amparados pelos conteúdos expostos.

É importante ressaltar que a produção de um material como esse, traz imbricado em suas páginas o posicionamento dos autores enquanto brasileiros, suas concepções do que são situações cotidianas etc. Procuramos fazer ao longo da produção do material o desvencilhamento de preconceitos, estereótipos e representações que não refletiam a realidade vivida pelos brasileiros e também dos estereótipos acerca dos estrangeiros que virão para a Copa do Mundo.

Esse posicionamento é muito importante, para que possamos, de fato, trabalhar questões essenciais a comunicação eficiente entre brasileiros e falantes de outras línguas, atendendo a necessidade dos estrangeiros que virão para o Brasil durante a Copa do Mundo. O guia foi dividido da seguinte forma: Capa, que traz o título, nome das autoras, ano e local da publicação. Vale ressaltar que não usamos ilustrações na capa por acreditar que o uso de tais imagens seja mais eficiente em outros momentos dentro do guia como podemos ver na ilustração abaixo:

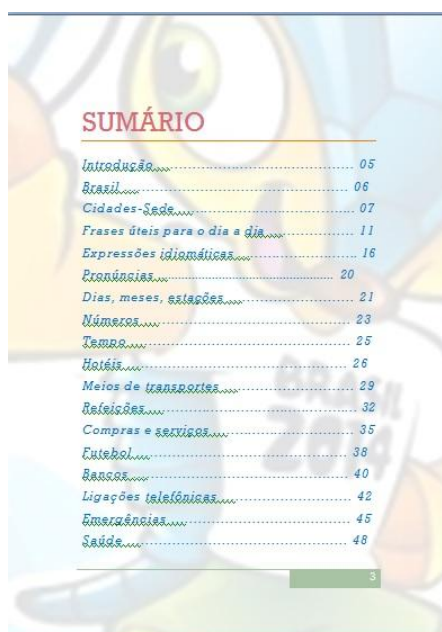


A contracapa é composta por uma imagem de um mapa do Brasil, onde a divisão do País é feita sinalizando os estados e suas respectivas capitais como mostra a imagem abaixo. Pensamos ser importante fornecer essas informações aos estrangeiros para que eles possam utilizá-las em alguma situação de comunicação com um brasileiro ou até mesmo com outros estrangeiros.



O sumário é feita a organização do material em tópicos que consideramos importantes constarem do conteúdo do guia. Todos os tópicos foram pensados de maneira a facilitar a comunicação dos estrangeiros com os brasileiros, pois a primeira parte que achamos pertinente constar do guia foi uma introdução na qual detalhamos os objetivos do material e ressaltamos algumas características do Brasil. Em seguida, temos um tópico mais elaborado a respeito do País, com informações práticas como a quantidades de estados, sua posição no cenário político da América Latina e ainda trazemos um convite para conhecer o Museu do Futebol, que fica no Estádio do Pacaembu, em São Paulo.

Vejamos a organização do Sumário:

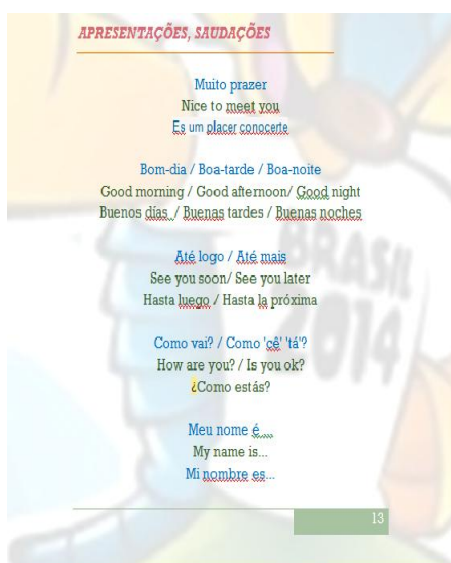
A imagem mostra a página de sumário de um guia turístico. O título "SUMÁRIO" está em letras maiúsculas e cor vermelha, centralizado no topo. Abaixo dele, há uma lista de tópicos em português com seus respectivos números de página. O fundo da página tem uma ilustração de um rosto sorridente com olhos grandes e cor-de-rosa, sobre um fundo amarelo e laranja. No canto inferior direito, há um pequeno retângulo verde com o número "3".

SUMÁRIO	
<i>Introdução</i>	05
<i>Brasil</i>	06
<i>Cidades-Sede</i>	07
<i>Frases úteis para o dia a dia</i>	11
<i>Expressões idiomáticas</i>	16
<i>Pronúncias</i>	20
<i>Dias, meses, estações</i>	21
<i>Números</i>	23
<i>Tempo</i>	25
<i>Hotéis</i>	26
<i>Meios de transportes</i>	29
<i>Restaurantes</i>	32
<i>Compras e serviços</i>	35
<i>Futebol</i>	38
<i>Passos</i>	40
<i>Ligações telefônicas</i>	42
<i>Emergências</i>	45
<i>Saúde</i>	48

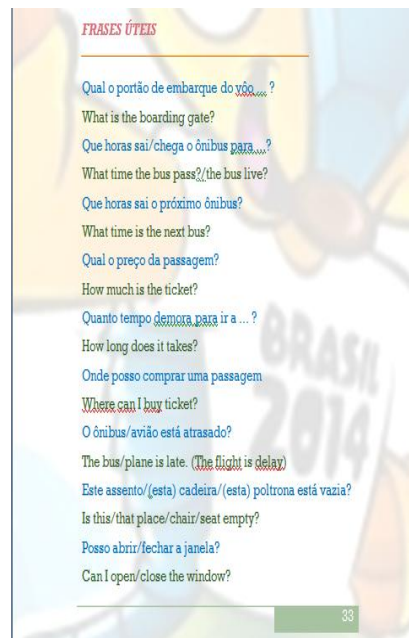
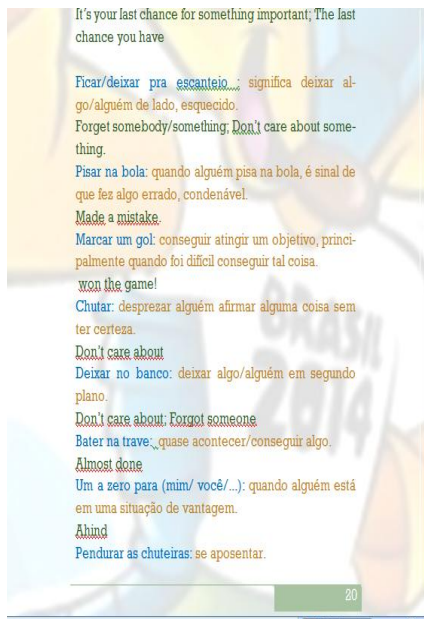
O próximo tópico que consta no guia são as cidades-sede. Nesta parte, trabalharemos as características de Belo Horizonte, Brasília, Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, cidades que têm características próprias como pontos turísticos, fatos históricos e curiosidades. Por isso, entendemos que a caracterização desses diversos ambientes é rica, pois o guia foi planejado com o intuito de atender aos estrangeiros em todas as cidades-sede da Copa do Mundo, sendo distribuído nos aeroportos no desembarque dos estrangeiros no Brasil.

A seção seguinte é intitulada Frases básicas. Nela, são trabalhadas frases que servirão de orientação para a comunicação dos estrangeiros em inúmeras situações, como apresentações e saudações, como os seguintes exemplos: “Muito prazer”, “bom-dia”, “boa-tarde”, “boa-noite”; pedidos e agradecimentos: “obrigado(a)”, “por favor” e “foi mal” – é importante ressaltar que esse último vocábulo está marcado como uso informal. Pedidos simples como: “com licença”, “pode me dizer”, “pode me dar”, “quanto custa?” e “onde está?”. Tudo isso seguido de preferências e conversas sociais com os seguintes exemplos: “gosto (de) /adoro”, “não gosto (de)/detesto”. Essas categorias já facilitam muito a comunicação dos estrangeiros, pois com frases simples como essas eles serão capazes de interagir com os brasileiros e outros estrangeiros e, assim, estarão inseridos nos contextos comunicacionais a que forem expostos.

Um seção que trata de saudações pode ser vista no exemplo abaixo:



As expressões idiomáticas são trabalhadas em uma seção dividida em duas partes: uma que consta de expressões cotidianas já consagradas pelos falantes portugueses por meio do uso, como, por exemplo: “quebrar um galho”, “lavar as mãos”, “trocar os pés pelas mãos” e muitas outras; e uma segunda parte na qual estão as expressões no futebol, onde são abordadas as expressões futebolísticas, usadas pelos técnicos, jogadores e torcedores na maioria do País. Exemplos de expressões no futebol são: “comer a bola”, “na marca do pênalti”, “bater na trave”, “tirar o time de campo” e muitas outras. Podemos ver esse exemplo em prática nas ilustrações abaixo:



Esse conhecimento é muito importante para um estrangeiro que ainda não domina as estruturas da língua e nem conhece os valores pragmáticos do português, pois para o entendimento de tais expressões é necessário conhecer as situações de uso, já que o emprego de tais expressões em contextos distintos, não oferece sentido algum para os falantes nativos da língua e, com isso, seu sentido fica prejudicado e, conseqüentemente, a comunicação será ineficiente. Vale ressaltar que a maioria dos exemplos tem uma tradução em inglês e espanhol quando esta é possível, pois devemos levar em conta que expressões idiomáticas são muito difíceis de serem traduzidas para outras línguas, por que o significado pleno da expressão encontra-se na pragmática da língua de origem e não na conversão de palavras agrupadas.

O próximo tópico é interessante e com certeza é o que mais ajudará aos estrangeiros, no sentido de aplicabilidade, pois ao pensarmos na produção desse guia não idealizamos os estrangeiros que terão acesso ao material, e tivemos que pensar, então, como um falante de uma língua distante conseguirá se comunicar com as outras pessoas apenas com as informações escritas em português, sem nenhuma sinalização de como se fala aquela palavra, qual é o seu som. Isso nos intrigou bastante e resolvemos, após várias pesquisas, fazer uma seção voltada para a pronúncia. A dinâmica consiste em selecionarmos as palavras consideradas com maior grau de dificuldade em serem pronunciadas, com sons ambíguos, e criamos um pequeno glossário com essas palavras e seus respectivos sons. Usamos, como auxílio, a tabela do alfabeto

fonético internacional para. Depois colocamos várias informações extras, como os números, tempo, hotel, meios de transporte, refeições, compras e serviços, futebol, ligações de emergência, banco, saúde. Esses tópicos servirão para auxiliar os estrangeiros em situações estratégicas.

Vejam algumas imagens do guia sobre os itens citados acima:

TEMPO

Hoje - Today	Amanhã à noite - Tomorrow evening
Hoje de manhã - This morning - esta mañana	Amanhã à noite - Tomorrow night
Hoje à tarde - This afternoon - Esta tarde	Semana - Week
Hoje à noite - This evening / Tonight - Ansche	Esta / nesta semana - This week
Ontem - Yesterday - Ayer	Próxima semana - Next week
Ontem de manhã - Yesterday morning - La mañana de ayer	Semana passada - Last week
Ontem à tarde - Yesterday afternoon	Mês - Month
Ontem à noite - Yesterday evening	Este / neste mês - This month
Ontem à noite - Last night	Próximo mês - Next month
Amanhã - Tomorrow	Mês passado - Last month
Amanhã de manhã - Tomorrow morning	Ano - Year
Amanhã à tarde - Tomorrow afternoon	Este / neste ano - This year
	Próximo ano - Next year
	Ano passado - Last year

23

NÚMEROS

1 - un / una - one - un	5 - cinco - five - cinco
2 - dois / duas - two - dos	6 - seis - six - seis
3 - três - three - tres	7 - sete - seven - siete
	8 - oito - eight - ocho
	9 - nove - nine - nueve



4 - quatro - four - cuatro	10 - dez - ten - diez
----------------------------	-----------------------

25

Considerações Finais

Todas as línguas têm características que as tornam únicas e, conseqüentemente, as diferem das demais línguas. No caso do português, não é diferente. Podemos constatar que o nosso idioma é uma língua de caso, com um padrão de ordem Sujeito, Verbo e Objeto – SVO, é proclítica e tem uma relação íntima com a cultura, pois, por meio desta, é significada de acordo com os padrões da comunidade que a fala.

O Brasil é um país que tem traços multiculturais muito fortes, que se fazem presentes no povo, cultura, religiosidade e na língua. Para um estrangeiro conseguir assimilar todas essas formas diversas que o povo brasileiro tem em sua identidade é muito difícil, pois não é possível classificar todas essas vertentes sem produzir estereótipos e criar barreiras linguísticas e culturais, pois o desconhecimento também gera a insegurança e o preconceito em relação ao diferente.

Entretanto, é com base em informações e esclarecimentos a respeito da cultura alvo, como sua organização social, noções de espaço, relação com a língua e relação com os estrangeiros, que conseguiremos, durante a realização da Copa do Mundo, desvencilharmo-nos de estereótipos e representações errôneas que não fazem jus ao povo brasileiro como um todo. Não é o nosso objetivo aqui pormenorizar cada um desses aspectos, mas sim trabalhá-los de forma otimizada em tópicos aplicáveis à realidade dos estrangeiros.

A língua é, com certeza, um dos instrumentos de comunicação mais eficientes que os seres humanos desenvolveram, porque é a partir dela que expressamos nossos pensamentos, desejos, pontos de vista e tudo o que é necessário para poder haver uma organização social. Entretanto, esse mesmo mecanismo que tem o poder de trazer identificação a determinado grupo, também é capaz de promover exclusão e desentendimentos aos falantes que não dominam a língua estrangeira em um contexto de imersão.

A necessidade de comunicar-se dos estrangeiros motivou nosso estudo, pois constatamos por meio da revisão literária feita, que apesar de muitas vezes os estrangeiros

dominarem as estruturas gramaticais, eles não conseguem comunicar-se em situações reais de uso da língua, porque não tiveram acesso ao seu conhecimento empírico, como é o caso das expressões idiomáticas, que assumem um significado pragmático na nossa língua, por meio dos contextos de uso.

Por isso, propomo-nos a criar subsídios teóricos e práticos para a produção de um guia que facilite a estadia dos estrangeiros no Brasil durante a Copa do Mundo de 2014, abordando expressões que já estão cristalizadas no português do Brasil, formas de saudações e frases básicas que poderão auxiliar os estrangeiros nas mais diversas situações que eles encontrarão no seu dia a dia, como pedir um táxi ou em uma conversa informal no *shopping*.

Essas pequenas noções de espaço, comunicação e tempo dos brasileiros poderão ser encontradas no guia que foi concebido com o intuito de estabelecer uma comunicação eficiente entre brasileiros e estrangeiros, por meio de orientações linguísticas. A ideia é que o manual seja entregue a todos os estrangeiros nos aeroportos para que, a partir de sua chegada, eles possam sentir-se orientados, caso haja necessidade de comunicação com brasileiros em situações específicas.

No mercado brasileiro, ainda não existem muitos manuais ou guias que orientem os estrangeiros que chegam ao Brasil para participar da Copa do Mundo. Na verdade, o que existem são materiais que priorizam algumas cidades brasileiras, como é o caso do Rio de Janeiro e da Bahia, que são as cidades mais visitadas por turistas estrangeiros.

Nosso guia visa a melhor estadia do estrangeiro em qualquer uma das doze cidades-sede, apresentando situações genéricas que podem acontecer em qualquer uma das cidades. O fato de o manual ser bilíngue ajudará muito os falantes de inglês e espanhol, pois eles poderão ter acesso a estruturas equivalentes em suas línguas. Acreditamos, portanto, que iniciativas como essa de criar um material voltado para estrangeiros em situações específicas, poderão despertar em outros estudiosos da língua portuguesa como língua estrangeira o desejo de elaborar e aprimorar materiais para a área de LE, pois existem poucos trabalhos como esse. Entendemos que quanto mais materiais forem criados, melhores eles poderão ser, pois novos olhares e perspectivas serão incorporados ao modo de conceber o ensino de português como segunda língua.

Estamos em um grande momento, no qual os holofotes do mundo estão voltados para nós. Portanto, se aproveitarmos esse espaço para mostrar o quanto estamos bem preparados para receber os estrangeiros – não apenas com estrutura física dos estádios, aeroportos, hotéis etc., mas também com uma política linguística forte, que é capaz de fortalecer a língua portuguesa com medidas eficientes e que ao mesmo tempo é capaz de difundir-la em outros países por meio dos estrangeiros que virão para o Brasil em 2014 –, poderemos consolidar nossa posição de destaque nos campos da política e da educação, para que, por fim, acabemos com a visão de um país que apenas preocupa-se com questões relativas ao turismo, demonstrando que defendemos e valorizamos nossa língua, por meio de posturas legítimas de defesa da nossa cultura como um todo.

Referências Bibliográficas

- BAGNO, M.; FREITAS, C. P. *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- BEWRIG, Carla Anète. *Estereótipos culturais no ensino/aprendizagem de português para estrangeiros*. Curitiba, 2004. 159 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná.
- DAMATTA, R. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco. 1984 ,
- DEBAKEY, M. *História do futebol*. Disponível em: <<http://www.wikipédia.org/wiki/Futebol>>. Acesso em 5 de maio de 2013.
- FEIJÓ, L. C. S. *Balançando o véu da noiva: a dramática linguagem figurada do futebol*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, 2001.
- FERNANDES, Eugênia Magnólia da Silva. *Expressões idiomáticas no português do Brasil: análise funcional-tipológica e seu ensino no âmbito de segunda língua*. 2011. 226 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- Hall, Edward T. *A Dimensão Oculta*. Ed. Francisco Alves. Rio de Janeiro Brasil: Ed.,1986.
- HIDALGO, L. *O futebol na ponta da língua*. Revista Língua Portuguesa – Especial Futebol & Linguagem, São Paulo, v.1, p.9-13, abril. 2006.
- HOUAISS, A; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 6 vol., Lisboa, Círculo de leitores, 2002.
- LARAIA, Roque de B. *Cultura: um conceito antropológico*. 18. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- MESQUITA, R. M. *Gramática da língua portuguesa*. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- ORTÍZ Alvarez , M.L. *Expressões idiomáticas do Português do Brasil e do Espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de Português como língua*.

estrangeira. Campinas: SP:IEL, UNICAMP, 2000.

PESSOA, M. S. *O geps e as perspectivas da pesquisa sociolingüística*. Revista Pesquisa Criação 2005, UNIR-Porto Velho, v. 4, n. 4, p.52-57, 2005.

PORTO, R. *Dicionário de Gírias e Verbetes futebolísticos*. s/local: Central Globo de Comunicações, 1993.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAVIOLI, F. P. *Jogo semântico*. Revista Língua Portuguesa – Especial Futebol & Linguagem, São Paulo, v.1, p.14-15, abril. 2006. Entrevista concedida a Luiz Costa Pereira Junior.

VILLAR, M. S. *O futebol na ponta da língua*. Revista Língua Portuguesa – Especial Futebol & Linguagem, São Paulo, v.1, p.34-39, abril. 2006. Entrevista concedida a Luciana Hidalgo.